

A RESPOSTA CÉTICA DE HUME A RAZÃO TEOLÓGICA DE DESCARTES

Renato de Medeiros Jota*

Resumo:

O ceticismo se tornou uma forte influência nos pensadores modernos. Filósofos como Pascal, Espinosa, Descartes e Hume beberam da fonte cética e tiveram por consequência o seu pensamento influenciado por eles. Descartes por exemplo, tomou para si os argumentos céticos e os aprofundou em uma dúvida hiperbólica. Seu objetivo com isso era vencer o ceticismo extremado em sua época e mostrar que a razão proporciona a única forma de podermos conhecer verdadeiramente os objetos. Outro representante do pensamento cético e que se posiciona como um deles é o Filósofo Escocês David Hume. Observamos em sua obra uma clara crítica ao posicionamento racional de Descartes e seus herdeiros como Nicolas de Malebranche. Para ele a resposta racional de Descartes não solucionou as próprias questões postas por ele sobre o ceticismo. Pelo contrário, para solucioná-la o mesmo recorreu a uma solução externa a razão. Neste artigo, portanto, temos como objetivo principal mostrar que: A) Através da análise de Hume, sobre a solução de Descartes para vencer os argumentos céticos mostrar que os mesmos estão centralizados em uma solução ontológica teológica e B) para vencer a dúvida hiperbólica estabelecida pelo filósofo francês, constatamos que o mesmo, apenas, o aprofundou abrindo caminho para novos problemas na modernidade.

Palavras-Chave: Razão. Argumentos Céticos. Dúvida Hiperbólica.

Abstract:

Skepticism has become a strong influence on modern thinkers. Philosophers such as Pascal, Spinosa, Descartes and Hume supply skeptical drank and had consequently influenced their thinking for them. Descartes for exemple, took to himself skeptical arguments and deepened in a hyperbolic doubt. His goal was to win it with extreme skepticism in his time and show that the ratio affords the only way we can truly understand the objects. Another representative of skeptical thinking and which is positioned as one of them is the Scottish philosopher David Hume. We observe a clear in his critique of the rational positioning of Descartes and his heirs as Nicolas de Malebranche. For him the rational response of Descartes did not solve the very issues raised by him about the skepticism. Instead, to solve it the same external solution used a reason. In this article, therefore, have as main objective to show that: A) the analysis of Hume, on the Descartes solution to overcome the skeptics arguments show that they are centered on a theological and ontological solution B) to win the hyperbolic doubt established by the French philosopher, we find that the same, only deepened the opening way for new issues in modernity.

Key -Words: Reason. Arguments Skeptics. Hyperbolic Doubt.

* Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte - Brasil. E-mail: rfraud@ig.com.br.

1 INTRODUÇÃO: A RAZÃO DE DESCARTES PERANTE A DÚVIDA HIPERBÓLICA CÉTICA NA MODERNIDADE.

Descartes nas *Meditações*, pretende refutar o ceticismo crescente da sua época que ponha em dúvida a razão como fonte confiável de conhecimento. Sem dúvida, Descartes tinha de responder as acusações céticas sobre a inexistência de verdades universais que nos pode levar ao conhecimento sobre todas as coisas, responder a estas indagações era de extrema importância para estabelecer a supremacia da razão sobre o conhecimento. Para isso ele absorve os argumentos céticos para depois os radicalizá-los em seu favor, buscando com isso, algo que resista a dúvida hiperbólica cética.

É nas primeiras, segundas e terceira partes das *Meditações* que Descartes estabelece sua dúvida hiperbólica sobre os conhecimentos matemáticos e sobre os corpos externos. É também nestas partes que surge os argumentos do gênio maligno e do deus enganador. Estes são criados para pôr em dúvidas os conhecimentos que nos são obtidos subjetivamente e objetivamente através da razão e dos sentidos. Na segunda parte, encontramos a primeira certeza de que “eu sou, eu existo”. Todavia, esta não será a certeza mais forte obtida por Descartes. Ela deve inaugurar apenas a cadeia de razões. O argumento mais forte encontra-se na quinta e sexta meditações e consiste em dizer que o homem é “coisa pensante” e em seguida estabelece o postulado ontológico da razão sobre o conhecimento, a saber, que só chegamos a conhecer porque Deus não nos engana¹⁸⁴.

Este pequeno resumo nos mostra, apenas que Descartes apesar de recorrer a um argumento ontológico teológico para sedimentar o conhecimento sobre uma base segura, solucionará definitivamente o problema cético, parece, contudo, que antes aprofundou mais as

¹⁸⁴ É importante notar que as críticas céticas sobre as verdades ontologicamente dadas sobre a existência de Deus, sobre os milagres e a trindade, já vinham sendo há muito tempo um assunto recorrente na modernidade. Isso não era privilégio, apenas, desta época. No início da idade média Agostinho escrevia uma obra para dá uma resposta ao ceticismo crescente em sua época, ela se chamava “*Contra os acadêmicos*”. Ele provavelmente se referia à nova academia platônica de Arcécilas que postulava haver um viés cético na obra de Platão quando este em suas palavras “nada afirma, discute a afirmação e a negação, hesita sobre todas as questões e nada diz de certo”, o que segundo André Verdan seria um exagero postular Platão como um cético. Vale observar a influência que Platão exercia sobre a filosofia de Agostinho. Para ele, refutar todo e qualquer viés cético na filosofia de Platão era de suma importância para a sobrevivência não só do filósofo Grego como da teologia. Vale salientar que o neo platonismo era muito forte em sua época e a igreja primitiva que surgia baseava muito do seu conhecimento no filósofo Ateniense.

dúvidas sobre o conhecimento do que o tê-lo enfraquecido¹⁸⁵. Em sua dúvida hiperbólica, Descartes estabeleceu uma separação entre “res cogitans” (coisa pensante) e a “res extensa” (coisa corpórea) ou entre mente e corpo¹⁸⁶. Esta separação foi o principal motivo pela qual os céticos modernos mostraram ser equivocado recorrer a razão para solucionar o problema sobre o conhecimento.

Ora o ceticismo de Descartes teve conseqüências sérias sobre o conhecimento objetivo do mundo, como sobre aqueles obtidos teologicamente. A modernidade herdou estes problemas e o utilizou como pano de fundo para as ciências naturais e seu posterior desenvolvimento. Assim o ceticismo se desenvolveu enormemente na modernidade a partir dos argumentos de Descartes, a razão, segundo o ceticismo, mostrou-se insuficiente para estabelecer as verdades universais encontradas nos fenômenos naturais. E toda vez que a razão buscava solucionar as dúvidas sobre o conhecimento novas perguntas surgiam quando defrontadas com novas questões que foram estabelecidas pelas ciências naturais. Todavia um dos seguidores mais famosos de Descartes, Nicola de Malebranche, tentou responder aos críticos cartesianos sobre o seu insucesso quanto à tentativa de responder a dúvida hiperbólica cética. Entre estes críticos, destacava-se o filósofo Escocês David Hume, um cético assumido.

2 O CETICISMO DE HUME COMO REMÉDIO AO DOGMATISMO CARTESIANO

Hume segue o pensamento cético da nova academia platônica de Arcétilas¹⁸⁷, todavia não admitia ser um cético em seus escritos, pois utiliza um tom muito impessoal, quando fala sobre o assunto. Isso parece, antes de tudo vir testemunhar a sua propensão a sê-lo do que o contrário, devido manter certa relação de distância sobre o assunto com que trata, parece antes de tudo agir sem dogmas sobre os assuntos com que se envolve como diz André Verdán “Em suma, ele é demasiado cético para manter distância em relação a seu próprio ceticismo” (VERDAN, 1998, p. 99). Se falarmos que existe um ceticismo nele, este não era tão extremado, ele reconhecia existir conhecimentos prováveis, mas não absolutos, o contrário

¹⁸⁵ Vale salientar que Descartes é herdeiro de um longo embate entre ceticismo e teologia no campo ontológico teológico. Basta para constatar até que ponto chegou a ele esta controvérsia lendo a excelente obra de Richard Popkin “A história do ceticismo: de Erasmo e Espinosa” que faz toda uma reconstrução histórico filosófica da controvérsia entre razão e ceticismo no campo da teologia.

¹⁸⁶ Para maiores detalhes desta separação entre mente e corpo ver a excelente obra de Antônio R. Damásio intitulada de “O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano”. Particularmente no capítulo 11.

¹⁸⁷ Observar neste sentido o capítulo II sobre Arcétilas na obra “Os céticos gregos” de Victor Brochar que analisa as diversas ramificações do pensamento cético na antiguidade e sua influência sobre a nova academia.

do que pensava em sua época a metafísica tradicional que busca verdades universais. O ceticismo, pelo contrário pensa não haver verdades absolutas, temos mais dúvidas do que respostas sobre o conhecimento e assim a única atitude digna é dizer que podemos conhecer as coisas, na medida em que são prováveis. Com isso fugimos de todo e qualquer tentativa de dogmatismo. Para ele o conhecimento apresenta-se, apenas, provavelmente mediante a experiência dos sentidos e pela probabilidade que possam vir a ocorrer, mas até a estes, ele tem reservas.

A busca pela razão por encontrar verdades inquestionáveis levou o homem a cometer erros terríveis a respeito do conhecimento. A metafísica tradicional contribui, igualmente, para isso e ele atribui isso a existência de :

(...) uma objeção mais justa e plausível a uma parte considerável dos estudos metafísicos: que eles não são propriamente uma ciência, mas provêm ou dos esforços frustrados da vaidade humana, que desejaria penetrar em assuntos completamente inacessíveis ao entendimento, ou a astúcia das superstições populares que, incapazes de se defender em campo aberto, cultivam essas sarças espinhosas impenetráveis para dar cobertura e proteção a suas fraquezas. (HUME, 2003, p. 26)

Sua crítica a metafísica tradicional tem como foco principal Descartes e os seus seguidores. E encontra-se em suas duas principais obras no *Tratado da natureza humana* e nas *investigações sobre o entendimento humano*. Nelas o ceticismo humeano adquire um tom devastador contra todo e qualquer tendência de engessar a episteme nos estreitos modos do dogmatismo metafísico. Para ele Descartes errou em dois pontos básicos: A) primeiro na questão dos critérios que utilizou para refutar o ceticismo que ao invés de enfraquecê-lo, apenas, o reforçou e B) estabeleceu como pedra de toque, a crença em um Deus que servisse de certeza subjetiva ontológica¹⁸⁸ que fosse usada como critério de verdade válida para todo e

¹⁸⁸ É importante notar que Descartes na quinta e sexta meditação parece recorrer ao argumento ontológico teológico elaborado por Anselmo de Cantuária no Monólogo, para validar a existência de Deus e assim, justificar o estabelecimento do conhecimento como uma verdade inquestionável. Karl Barth, um estudioso da obra de Anselmo, particularmente o Monólogo, observou que o argumento ontológico de Anselmo tem um caráter mais teológico do que filosófico. Apelando para uma verdade no nível da fé, por isso dizer-se do argumento anselmiano ser do tipo fideísta do que qualquer outra coisa. Barth diz tacitamente que “isso quer dizer: Enquanto eu creio, eu também creio que o conhecimento que busco, como é demandado e considerado possível pela fé, tem a fé como sua pressuposição, e isso por si só se tornaria imediatamente impossível se não fosse o conhecimento da fé” (BARTH, 2003, p. 34). Ora levando em consideração o que Barth estabelece sobre a fé e que a razão por si só não serve como justificativa para o estabelecimento do conhecimento como uma verdade inquestionável sem o auxílio da crença ou fé. Chegamos a concluir, portanto, que a razão por si

qualquer conhecimento.

O primeiro argumento erra pelo critério escolhido por Descartes, pois ao intensificar a dúvida cética sobre a existência das coisas corpóreas e das coisas racionais, ele levantou novas questões que talvez, inconscientemente, o mesmo não tenha percebido a gravidade do problema proposto por ele. Ao propor que os sentidos não nos habilita a conhecer nada sobre o mundo exterior e que estes podem ser erroneamente interpretados por nós e mostrarem-se muitas vezes enganosos, Descartes apenas repete a tradição cética, e isso parece não conter nada de novo para Hume, o problema do mundo externo continua posto, todavia quando o autor começa a radicalizar sua dúvida sobre os sentidos, passando a duvidar até daqueles auto-evidentes, como por exemplo, de “estar sentado em um sofá perto de uma lareira” ele põe imediatamente em questão o critério subjetivo em que esta estabelecido o conhecimento, a saber, subjetivamente podemos nos enganar, pois pode ser que estejamos sonhando ou que um gênio maligno esteja enganando os nossos sentidos.

Neste momento, encontramos a dúvida cartesiana em seu auge quando postula não existir na própria mente um princípio original que valide conhecimentos sensíveis, ou seja, não podemos conhecer nada tanto objetivamente quanto subjetivamente. Este é um dado novo acrescentado por Descartes, e Hume observa que neste âmbito o conhecimento é impossível, pois ele diz:

A dúvida cartesiana, portanto, se fosse alguma vez capaz de ser atingida por qualquer criatura humana (o que obviamente não é), seria totalmente incurável, e nenhum raciocínio poderia jamais levar-nos a um estado de segurança e convencimento acerca de qualquer assunto (HUME, 2003, p. 204).

Descartes busca assim, algo que resista a dúvida hiperbólica elencada pelo ceticismo que põe em dúvida o caráter de verificabilidade do conhecimento mediante os mecanismos puramente racionais. Depois de por em dúvida tudo que poderia ser conhecido tanto pelos sentidos quanto por mecanismos puramente racionais, Descartes conclui que apenas uma coisa se mostrou constante, imutável e que resistiu a toda dúvida, a saber, a crença que ele é “Mas o que sou eu, portanto? Uma coisa que pensa” (DESCARTES, 1983, p. 95). E que algo o estabelece como esta coisa. Ora se a única certeza sustentável é saber que ele “É uma coisa

só não estabelece o conhecimento se não vier acompanhada pela fé, estabelecida esta, em bases puramente teológicas.

que dúvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente” (DESCARTE, 1983, p. 95), deve haver algo que valide esta certeza e portanto é exterior a ele. Esta certeza só pode ser obtida através da razão, ou seja, só a certeza de que algo pensa independente de qualquer dúvida e que garanta a existência na subjetividade, pode resistir a dúvida hiperbólica. Todavia esta certeza é obtida por Descartes mediante uma certeza teológica, exterior a “res cogitans”. O que, segundo Hume mostra-se como um fideísmo exacerbado sobre a certeza teológica da verdade do conhecimento obtido racionalmente. Em vez de utilizar métodos puramente racionais, Descartes apela para o fideísmo, estabelecido em Deus, para validar o conhecimento adquirido na razão.

Esta certeza é obtida, observa Hume, através da crença teologicamente estabelecida em Deus e não obtida por meio de uma certeza racionalmente indubitável como Descartes quer mostrar. Para ele só podemos conhecer algo sobre os objetos parcialmente e muito superficialmente. Este conhecimento só pode ser experimentalmente obtido através de casos restritos e anteriormente observado, fora isso não há como inferirmos conhecimentos sem o auxílio de dois fatores básicos para o conhecimento, a saber, a crença e o hábito e a experiência.

Talvez a busca de Descartes por algo que resista a dúvida cética tenha como objetivo algo que consiga ligar os conhecimentos obtidos internamente com aqueles que adquirimos externamente. Para isso ele recorre ao argumento teológico de que Deus, neste caso seria esta conexão necessária¹⁸⁹. Pois é ele que valida a certeza psicológica da obtenção de verdade universal e válida pela razão como é demonstrado por Descartes quando diz:

E não devo de maneira alguma duvidar da verdade dessas coisas se, depois de haver convocado todos os meus sentidos, minha memória e meu entendimento para examiná-las, nada me for apresentado por algum deles que esteja em oposição com o que me for apresentado pelos outros. Pois, do fato de que Deus não é enganador segue-se necessariamente que nisso não sou enganado (DESCARTES, 1983, p. 142).

Hume trata esta certeza Cartesiana teológica para validar racionalmente as certezas sobre o conhecimento, basicamente para mostrar que a dúvida hiperbólica de Descartes sobreviveu e

¹⁸⁹ Neste sentido, vale salientar a relevância do argumento Ontológico de Anselmo, utilizado por Descartes, para estabelecer o conhecimento como sendo uma verdade necessária obtida através da razão.

que contagiou toda a modernidade, levando o dogmatismo metafísico a definhar perante as novas questões que ele mesmo formulou. A sua filosofia vem neste contexto servir de remédio para todo o dogmatismo sobre o conhecimento e tem como proposta estabelecer um novo parâmetro para este, o estabelecendo sobre bases puramente experimentais¹⁹⁰. Pois como o próprio Hume observa “Todas as inferências da experiência são, pois, efeitos do hábito, não do raciocínio” (HUME, 2003, p. 75). Todavia existem aqueles que como Gérard Lebrun, defendem que as *Meditações* foi mal interpretada pelos filósofos modernos, em suas objeções e respostas, o filósofo francês buscou elucidar muitas das dúvidas a ele expostos. Entretanto, segundo Lebrun, as *Meditações* devem ser encaradas sob a ótica matemática o que segundo ele em uma nota sua de rodapé “os contraditores não levam em conta a ordem das razões; não souberam ler a obra tal como se lê um livro de Matemática” (LEBRAN, 1983, p. 145).

Entretanto Lebrun não deve ter levado em consideração que a argumentação Cartesiana, apesar de ser estabelecida sobre a ordem das razões e seguir princípios matemáticos, a certeza do conhecimento só é garantida através da teológica. A ordem das razões, portanto, sobre o conhecimento não necessariamente se mostra suficiente para suplantar a dúvida hiperbólica. O próprio Descartes vislumbrou isso, observando em sua argumentação que “E, assim reconheço muito claramente que a certeza e a verdade de toda ciência dependem do tão-só conhecimento do verdadeiro Deus: de sorte que, antes que eu o conhecesse, não podia saber perfeitamente nenhuma outra coisa” (DESCARTES, 1983, p. 128).

Ora a argumentação teológica de Descartes, apesar de ser estabelecida na ordem das razões, não se sustenta quando confrontada com os fenômenos naturais e suas variáveis. Para Hume a razão não é suficiente para estabelecer parâmetros confiáveis sobre o conhecimento. As verdades estabelecidas dogmaticamente não levam em consideração estas variáveis. Só existe uma forma de conhecermos estas variáveis, mesmo que parcialmente, e este se daria através da experiência adquirida através de casos anteriormente observados. Todavia os Cartesianos ainda acreditam ter refutado, definitivamente, o ceticismo¹⁹¹. Mas

¹⁹⁰ Devemos considerar que Hume defende a possibilidade de podermos conhecer somente através dos dados experimentais obtidos, estes, através dos sentidos como tato, degustação, audição, visão e olfato. Neste sentido o filósofo escocês é herdeiro, ao mesmo tempo que crítico do empirismo Lockeano, como o mesmo demonstra ao dizer “Em vão, portanto, pretenderíamos determinar qualquer ocorrência individual, ou inferir qualquer causa ou efeito, sem a assistência da observação e experiência (HUME, 2004, p. 59).

¹⁹¹ Na introdução ao Livro de Malebranche chamado “A busca da Verdade” Plínio Junqueira Smith observa em sua introdução a obra existir uma retomada, do autor, de algumas teses puramente Cartesianas precisamente no Livro I, capítulos de I a IV e que serviram para Descartes como fonte de apoio para seu ataque a argumentação cética. Como o que se constata no primeiro capítulo intitulado “Dos sentidos” da mesma obra.

não é isso o que Hume constata nunca a crítica cética esteve tão presente e se encontra tão profundamente estabelecida na modernidade. Se o plano de Descartes era solucionar a dúvida cética, o resultado que conseguiu foi formalizá-la definitivamente como um dos principais problemas da contemporaneidade. Hume, assim mostra que o ceticismo estabelecido por Descartes, antes de qualquer coisa, deu o impulso que faltava ao ceticismo para se estabelecer definitivamente sobre o conhecimento¹⁹². Neste sentido Hume herdou e aprofundou as dúvidas céticas estabelecendo com isso novos parâmetros para o conhecimento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente podemos tirar uma lição de toda esta discussão sobre a provável solução de Descartes para o problema hiperbólico estabelecido sobre o conhecimento. Esta lição nos mostra que a dúvida cética continua presente e parece não diminuir, pelo contrário só aumentou. Hume, na seção IV intitulada “*dúvidas céticas sobre a operação do entendimento*” nas Investigações sobre o entendimento humano, já vinha mostrando as conseqüências profundas que se originariam através da dúvida hiperbólica cética de Descartes, buscando com isso, estabelecer dogmaticamente no domínio da razão o conhecimento. A modernidade herdou este problema de Descartes, e é quase uma unanimidade hoje em dia postular que o filósofo francês estabeleceu novos problemas sobre o conhecimento através de seu ceticismo.

Esta é a opinião de Hume sobre a dúvida cética e seu desenvolvimento na modernidade. Para o filósofo Escocês o ceticismo se mostra como um remédio para todo o dogmatismo, principalmente, para aqueles que procuram através da razão princípios universais para o estabelecimento do conhecimento. O ceticismo através da busca de critérios mais claros e distintos vem postular novos caminhos para o conhecimento. Não obstante é necessário para isso, ter outros parâmetros as quais possamos estabelecê-lo sobre princípios sólidos e corretos. Este princípio seria a experiência que nos garante a possibilidade de podermos conhecer e entender os fenômenos, mesmo que superficialmente.

¹⁹² Yves Michaud concorda com Hume sobre este ponto, basicamente quando aponta sobre a forma radical adquirida pelo ceticismo cartesiano que contagiou todo o pensamento moderno seja no âmbito da Religião, do conhecimento ou da moral. Observamos esta opinião de Michaud no capítulo XIII, com o título “*Les intermittences du scepticisme*” de sua obra “*Hume et la fin de la philosophie*”. A qual analisa neste capítulo o ceticismo humeano e suas opiniões sobre o posicionamento cético.

O ceticismo estabelecido na modernidade, não atingiu só o conhecimento sobre os fenômenos na natureza, mas também no domínio teológico. Muitos postulados teológicos que eram tidos como verdades universais foram postos em dúvida e vários autores trataram de responder ao ceticismo e suas questões. Autores como Pascal, Descartes, Malebranche, Kant, Hegel entre outros se defrontaram com a artilharia cética e buscaram novos caminhos para responde-los. Todavia só conseguiram adiar ou diminuir a problemática cética em relação ao conhecimento e a religião. Por fim, em relação a esta última, sua solução levava em consideração podermos conhecer algo de Deus a partir da fé, por isso a intitularem, sua postura de um tipo de ceticismo fideista, pois a fé era quem garantia a existência deste. Portanto, segundo mostra Hume, nossas crenças quando confrontadas com dúvidas que a põe em confronto com sua fé são do mesmo tipo que as dúvidas que estabelecemos no conhecimento, entretanto as soluções não são duradouras e mostram-se muito frágeis quando confrontadas, somente, no nível racional sem apoio de qualquer outro tipo de auxílio. Assim só podemos garantir o conhecimento parcialmente, nunca em sua totalidade nos fazendo chegar a grata constatação obtida pelo pensamento cético, através de Sócrates, a saber, de que “só sabemos que não sabemos”.

REFERÊNCIAS

AYER, A. J. *HUME*. São Paulo. Editora: Loyola, 2003.

BROCHARD, Victor. *Les Sceptiques grecs*. Paris, 2002.

BROCHARD, Victor. *Os ceticos gregos*. Tradução: Jaimir Conte. São Paulo. Editora: Odysseus, 2009.

BARTH, Karl. *Fé em busca de compreensão*. Tradução: Vera Kikute. São Paulo. Editora: Novo Século, 2003.

DESCARTES, René. *Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas*. Tradução: J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo. Editora: Abril, 1983. (Os pensadores).

HUME, David. *Investigação sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. Tradução: José de Oscar de Almeida Marques. São Paulo. Editora: UNESP, 2004.

MALEBRANCHE, Nicola. *A busca da Verdade: textos Escolhidos*. Tradutor: Plínio Junqueira Smith. São Paulo. Editora: Discurso editorial, 2004.

MENDONÇA, Maria Magdalena Cunha de. *O problema do Eu no ceticismo de David Hume*. São Cristovão. Editora: UFS, 2003.

MICHAUD, Yves. *Hume et la fin de la Philosophie*. Paris, 1999.

POPKIN, Richard. *Historia do ceticismo: de Erasmo a Spinoza*. Rio de Janeiro. Editora: Francisco Alves, 2000.

VERDAN, André. *O ceticismo filosófico*. Tradução: Jaimir Conte. Florianópolis. Editora: UFSC, 1998.